

PROGRAMAS DE ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA: PERGUNTAS E REFLEXÕES

Cintia Marangoni Menezes¹

Francine Cristine Garghetti²

Jakeline Mendes³

Prof^a. Orientadora Cláudia Finger-Kratochvil⁴

RESUMO

Os programas de ensino de segunda língua têm se popularizado nos últimos anos, principalmente pela influência que exercem na aprendizagem de idiomas. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo promover a reflexão e a discussão a partir de perguntas propostas por King (2007) sobre como os pais podem procurar bons programas de ensino a partir de um conjunto de questionamentos sugeridos aos pais, para que conversem com os professores de segunda língua e analisem como eles atuam e quais métodos de ensino utilizam em suas aulas, podendo ser um fator decisório na escolha do programa. A autora discute a educação bilíngue por meio da análise de modelos de educação e aponta que um bom programa para a educação bilíngue deve trazer uma estrutura de planejamento, além de respeitar a diversidade cultural. Para isso, nos propomos a analisar e refletir sobre as questões elencadas pela autora, ao considerarmos um breve levantamento bibliográfico e obras que abordam sobre a temática do Plurilinguismo e Educação.

Palavras-chave: Programas de ensino. Segunda língua. Ensino bilíngue.

ABSTRACT

Second language teaching programs have become popular in the late years, mainly for their influence in language learning. In this scenario, this essay aims at promoting some reflection and discussion from questions suggested by King (2007) concerning how parents may look for good language programs from a set of questions pointed to parents, so that they may be able to talk with second language teachers and analyze how they act and which teaching methods they use in class, and thus being a decision factor in choosing the program. The author discusses bilingual education through the analysis of education models and points that a good bilingual education program must have a planning structure, besides respecting cultural diversity. In order to do so, we aim at analyzing and reflecting about the questions listed by the author, considering a brief bibliographic background and books that approach the theme Plurilingualism and Education.

Keywords: Teaching programs. Second language. Bilingual teaching.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (UFFS). Professora na Rede Pública Municipal de Chapecó. cintiamarangonimenezesco@gmail.com

² Doutoranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). francine.garghetti@gmail.com

³ Doutoranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). jakeline@unochapeco.edu.br

⁴ Professor orientador: Doutora em Lingüística pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Professor Associado II da Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, cfrato@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Quais são as características de programas de ensino e professores de segunda língua e como encontrá-los? A preocupação com o domínio de mais de uma língua é cada vez mais presente em um mundo globalizado e de distâncias encurtadas pela comunicação digital. Neste cenário, recorreremos a um coletivo de autores que abordam questões como ensino de segunda língua, bilinguismo e plurilinguismo, para refletir sobre critérios que poderiam apontar bons programas, e principalmente como pais poderiam buscar características positivas em programas que oferecem ensino de segunda língua do ponto de vista cognitivo e respeitando a diversidade linguística dos estudantes que recorrem a estes programas.

King (2007) discute a educação bilíngue por meio da análise de modelos de educação e aponta que um bom programa para a educação bilíngue deve trazer em sua estrutura de planejamento especificado o nível de proficiência almejado e ter o bilinguismo como objetivo, além de respeitar a diversidade cultural, também de culturas minoritárias. Em um bom programa, segundo a autora, é possível encontrar uma preocupação com o currículo e planejamento de aulas, bons materiais e ambientes, qualificação e experiência dos professores, uso do idioma em estudo, atividades extracurriculares e professores nativos.

Um problema teórico que surge a partir das discussões elencadas pela autora envolve um questionário proposto (King 2007) para os pais escolherem bons professores e bons programas. Há um roteiro de perguntas, mas não há um roteiro com base teórica informando os pais do que seriam boas respostas e o que cada pergunta evoca e deveria revelar. A discussão subsequente ao roteiro é generalista e dá breves “quick tips”. A interpretação do roteiro de perguntas pode levar a uma “coisificação” do fazer do professor, caso seja interpretado de modo errôneo e superficial pelos pais.

Para isso, este trabalho se propõe a conversar com esta lista de perguntas sugeridas por King (2007) e discutir as proposições da autora através de um levantamento bibliográfico e de obras que tratam do tema Plurilinguismo e Educação. Assim, o artigo traz brevemente uma metodologia estruturada para este trabalho, bem como a discussão das questões e uma breve análise final.

2 METODOLOGIA

O desenho metodológico desta discussão está atrelado ao contexto educativo e se organiza pela intenção de analisar e discutir questões sugeridas em King (2007) como proposta para pais encontrarem bons professores em programas de ensino de línguas. Para a análise das questões, consideramos um breve levantamento bibliográfico em artigos e obras concernentes ao tema Plurilinguismo e Educação, e que abrange a temática debatida pela autora. Apresentamos a seguir a lista de perguntas apresentadas por King (2007).

*What is your philosophy or general approach to teaching language?
What benefits do you think children gain from learning another language? Do you see any drawbacks?
Is there anything special about teaching children (or adolescents)?
What teaching credentials do you have?
What experience do you have teaching this language and age group?
What's your opinion on explicitly teaching grammar?
Are there any ways in which you try to stay up-to-date with current ideas about effective teaching and how children learn languages?
What do you do in a typical lesson or session?
What sorts of activities and materials do you use?
How do you try to ensure that your students get practice actively using the language?
What are some of the things you do to encourage and motivate your students?
What role do you see for culture in language classes?
How do you deal with students' errors?
How does your approach change depending on students' individual differences?
What suggestions do you have for my child to keep up the language outside of your classes?
Can we see a sample lesson or a video of you teaching so we can get a better idea of how you teach?
What kinds of materials do you usually use in your lessons?
What do you do to engage the learner in reading and writing? In speaking and listening? (KING, 2007, p. 173-174).*

*Qual sua filosofia ou abordagem geral para o ensino de línguas?
Quais benefícios você acha que as crianças ganham ao aprender outra língua? Você vê alguma desvantagem?
Há algo de especial em ensinar crianças (ou adolescentes)?
Que credenciais de ensino você possui?
Qual experiência você tem de ensino desta língua ou faixa etária?
Qual sua opinião sobre o ensino explícito de gramática?
Há alguma forma pela qual você procura se atualizar com ideias atuais sobre o ensino eficaz e como crianças aprendem línguas?
O que você faz em uma lição ou sessão típica?
Que tipos de atividades e materiais você usa?
Como você busca assegurar que seus estudantes pratiquem ativamente a língua?
Quais são as coisas que você faz para encorajar e motivar seus estudantes?
Qual o papel que você vê para a cultura nas aulas de idiomas?
Como você lida com os erros dos estudantes?
Como sua abordagem muda dependendo das diferenças individuais dos estudantes?
Quais sugestões você tem para meu filho manter contato com a língua fora das aulas?*

Podemos ver uma aula amostra ou um vídeo seu ensinando para termos uma melhor ideia de como você ensina?

Quais tipos de materiais você geralmente usa em suas aulas?

O que você faz para engajar os o estudante na leitura e escrita? Na fala e habilidade auditiva? (KING, 2007, p. 173-174, tradução nossa).

Com a intenção de organizar melhor nossa análise e tecer nossos breves comentários, e também pelas limitações espaciais, temporais e conceituais desta produção, estabelecemos um agrupamento de algumas das questões por afinidade teórica ou problemática do ensino de segunda língua, ademais, movemos um pouco a ordem das questões pensando em uma linha de raciocínio mais fluida de nossa análise e alinhavando os conceitos do recorte bibliográfico escolhido para embasar nossa discussão. Na seção a seguir apresentamos questão a questão e nossa breve análise.

3 QUESTÕES PROPOSTAS POR KING (2007) E BREVE REFLEXÃO: POSSÍVEIS RESPOSTAS

Iniciamos nossa reflexão com a questão *“Qual sua filosofia ou abordagem geral para ensinar o idioma?”*. Um possível gabarito para uma pergunta como esta pode abrir para diferentes áreas da Linguística, dependendo do objetivo de quem a propõe. Em uma realidade como a hipotetizada pela autora, teríamos a figura de pais ou responsáveis procurando vislumbrar um bom contexto para inserir seu filho para um aprendizado de idiomas que considere, por exemplo, um ambiente bilíngue. Uma filosofia ou abordagem de ensino pressupõe uma forma de pensar que conduz o método.

Ensinar um idioma dentro de determinada perspectiva traz diversas consequências. Uma família que não teve contato com uma mínima reflexão sobre teorias do ensino, ou mesmo que tenha sido introduzida a um pensamento sobre a ciência da linguagem, poderá saber o que procura em um programa, mas não saberá o que extrair da resposta fornecida.

A partir de conceitos como Plurilinguismo e Educação, poderíamos propor que os pais busquem localizar na resposta intenções que favoreçam a valorização às culturas plurais, promovam um olhar respeitoso às variações linguísticas, incentivando uma postura de respeito pela história contida na relação idiomas-comunidades. Afinal, as escolas têm o potencial de preservar, recuperar e expandir a diversidade linguística dos alunos no mundo,

mas o envolvimento ativo da família é essencial para o processo de ensino e aprendizagem. (GARCÍA et al, 2006).

Ademais, conceitos como comunicação, língua em uso, reflexão acerca das diferenças e similaridades entre idiomas podem também vir a auxiliar nesta análise da possível resposta do professor, uma vez que tais noções podem auxiliar nas mediações, fazendo com que os estudantes falantes de diferentes línguas se sintam bem-vindos a contribuir com o ensino, podendo comparar sua língua e elementos culturais nela presentes, produzindo um diálogo e um ambiente de aprendizagem mais acolhedor aos falantes. Outro ganho com uma postura convidativa dos múltiplos idiomas pode ser a ampliação da capacidade de pensar sintaticamente e criticamente cada língua em estudo, ampliando habilidades vocabulares do estudante e também sua capacidade de formular, testar e comprovar ou refutar hipóteses sobre a língua que está estudando (ROMAINE, 1995).

Seguindo na sequência de questões organizadas pela autora, temos: *“Quais benefícios você considera que as crianças agregam ao aprender uma outra língua?”*. A proposição de tal pergunta pelos pais ou cuidadores está provavelmente relacionada com a visualização de uma postura por parte do professor relacionada com o entendimento de que saber mais de uma língua é positivo e não nocivo ao cognitivo do estudante. Durante muitas décadas o diálogo mundial em torno do domínio de línguas não foi, entretanto, uma visão defendida. Pelo contrário, estudos até a década de 1960 davam conta de depor em contrário ao ensino e mesmo ao domínio por parte de indivíduos em idade escolar de mais de um idioma, argumentando uma sobrecarga do cognitivo, uma interferência negativa na rapidez do raciocínio ou mesmo a mistura dos vocábulos no cérebro bilíngue (ROMAINE, 1995).

Graças aos avanços científicos deste debate, este mito da interferência negativa foi desfeito. Já a partir da década de 1960, autores como Romaine (1995) argumentam para os efeitos positivos do bilinguismo, recuperando diversas pesquisas a partir da década de 1970 que trouxeram dados e contribuições no sentido dos resultados cognitivos positivos do bilinguismo, pois bilíngues são bons em manipulação mental, possuem habilidades mentais diversificadas e superioridade na formação de conceitos. Além disso, são superiores intelectualmente, porque o bilinguismo promove o pensamento criativo, bem como desenvolve as habilidades metalinguísticas.

Heredia (1989) também defende as vantagens do bilinguismo ao discutir sobre a rapidez com que as crianças aprendem línguas. A autora aborda que as crianças possuem vantagem em relação à fonética, conseguem atingir níveis melhores de proficiências do que os

adultos, possuem mais tempo disponível para o aprendizado e estão mais motivadas a se integrarem em grupos de colegas.

Cummins e Swain (1986) defendem que programas bilíngues têm obtido sucesso no desenvolvimento de habilidades por meio da instrução que possibilita a promoção da proficiência em ambas as línguas, pois na medida que a instrução é eficaz em L1 na promoção da proficiência em L1, a transferência dessa proficiência para L2 ocorrerá desde que haja exposição adequada a L2 e motivação adequada para aprender esta língua.

Nesse caminho de raciocínio em que são postos em questão os benefícios do ensino de outra língua, uma resposta bem-vinda do professor iniciaria com a percepção de que este aprendizado é primordialmente positivo, abordando ganhos como aumento de criatividade, versatilidade com as situações comunicativas, especialização da mente em linguagens, consciência metalinguística, flexibilidade cognitiva, capacidade de resolução de problemas (APPEL; MUYSKEN, 1996), pensamento criativo e formação de conceitos (ROMAINE, 1995). O que podemos sumarizar nesta possível resposta é que a lista citada pelo professor poderá ser variável e conter vários itens, mas que se ela em linhas gerais apontar para uma visão benéfica em detrimento de interveniente, ela já é uma boa resposta.

“Há algo especial sobre o ensino de crianças (ou adolescentes)? / Qual experiência você tem ao ensinar esta língua a esta faixa etária?” é um agrupamento de duas questões trazidas pela autora e que, percebemos, podem ser discutidas em conjunto. Espera-se como possível resposta, ao tratar do ensino para crianças, que o professor aborde sobre o bilinguismo precoce que de acordo com Heredia (1989) é quando uma criança aprende a falar em duas línguas ao mesmo tempo, isto é, quando ela tem duas línguas maternas. Pesquisas mostram que o período de aquisição da linguagem é fixado entre 0 a 5 anos, por isso percebe-se a facilidade que as crianças pequenas têm para aprender uma língua. Além disso, crianças menores de 4 anos possuem uma plasticidade cerebral. Assim, a plasticidade cerebral é considerada como uma reorganização da estrutura neural do indivíduo ao viver uma experiência nova, ou seja, envolve a capacidade das sinapses, dos neurônios ou de regiões do cérebro de alterar suas propriedades através do uso ou estimulação.

A criança apresenta diversas vantagens ao aprender desde cedo uma língua, sendo elas: vantagem fonética; é mais fácil de uma criança atingir o nível linguístico de uma criança que um adulto atingir o de um adulto; possui disponibilidade de tempo considerável para o aprendizado linguístico e é motivada a se integrar no grupo de colegas.

É importante também que o professor destaque e compreenda que muitas pesquisas já realizadas, com o advento da neurociência, comprovam que o bilinguismo impacta

positivamente no desenvolvimento cognitivo das crianças, principalmente por propiciar maior plasticidade e flexibilidade entre as sinapses, característica que facilita aprendizagens subsequentes. Além disso, há uma vantagem bilíngue em relação à flexibilidade cognitiva, controle inibitório, alocação de recursos atencionais, memória operacional, inteligência e criatividade na resolução de problemas.

Ao visualizarmos a questão “*Quais credenciais de ensino você tem?*”, podemos inferir o tópico formação de professores. Espera-se, de modo geral, que o professor seja formado em Letras e possua conhecimentos no ensino de línguas, saiba lidar com as diferenças tanto linguísticas quanto culturais, além disso ter experiência com o ensino bilíngue. Entretanto, desejável seria que tivesse tido contato com Estudos Linguísticos, indiferentemente da especificidade teórica de formação ou pesquisa, mas que e sua jornada formativa tivesse tido a oportunidade de pensar sua carreira e seu fazer com bases teóricas e reflexivas em torno dos diferentes pontos de vista que o conceito de “língua” pode desdobrar, que tenha tido contato com pesquisas e textos seminais que o convidem para aplicar em sala de aula não meras repetições metodológicas, mas um ensino preocupado em incluir saberes plurais da linguagem.

Um elemento adicional a esta pergunta (e sua conseqüente resposta) poderia envolver um questionamento sobre como as etapas de formação do professor o auxiliam a pensar suas atitudes em sala de aula, motivando atividades que considerem o respeito às culturas e às línguas trazidas como bagagem dos estudantes para a sala de aula, bem como os saberes que o professor se apropriou em sua formação e que lhe possibilitem lidar com o plurilinguismo presente no grupo em interação.

Na sequência, deparamos com uma questão que poderíamos coroar como o “campo minado” do diálogo entre pais e educadores quando a questão é o ensino-aprendizagem de uma segunda língua: “*Qual sua opinião sobre o ensino explícito da gramática?*” Nesse ponto, uma interação de perguntas e respostas entre pais e professores carece de maior esclarecimento teórico. O posicionamento teórico que embasa o ensino e a visão de língua do professor é que deveria aparecer quando o assunto é conhecimento gramatical. As expectativas dos pais com o programa de ensino podem variar, assim como a opinião do professor pode variar em relação à presença do ensino de gramática em sala de aula; entretanto, mesmo as visões em torno da gramática presentes nos Estudos Linguísticos, apesar de variável o ângulo e portanto sua importância, podem propiciar um fazer didático mais versátil em relação ao público no programa e seus objetivos pessoais com o aprendizado da segunda língua.

Ao abordamos a questão “*Há alguma forma pela qual você tenta se atualizar sobre as ideias atuais sobre o ensino efetivo e como as crianças aprendem idiomas?*”, podemos relacionar com um tópico muito relevante ao pensarmos sobre o ensino de segunda língua, ou mais amplamente de um ensino plurilíngue, que é o assunto formação de professores; é reconhecida a importância da implementação de programas de ensino de línguas que proponham em suas aulas uma abordagem mais plural das línguas, no sentido de explorar as diversidades linguísticas para uma consciência linguística plurilíngue. Para isso, torna-se fundamental investir na formação dos professores, permitindo seu desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional (COSTA; MARTINS, 2020).

Ao ensinar uma segunda língua, de acordo com García (2008), os professores precisam ter uma compreensão profunda sobre o sistema linguístico que estão ensinando. Eles precisam estar familiarizados com as práticas pedagógicas que envolvem o bilinguismo e o desenvolvimento do bilinguismo, além de entenderem também o importante papel que a primeira língua tem no desenvolvimento da segunda língua. Para isso, a autora considera que os professores precisam ter quatro entendimentos sobre a língua, sendo eles: 1) conhecimento da língua (proficiência); 2) conhecimento do conteúdo; 3) prática pedagógica e 4) compreensão das lutas sociais, políticas e econômicas em torno das línguas. Ao darmos relevância a estes entendimentos, percebemos que o multilinguismo está em todo o mundo, por isso os programas de formação de professores não podem somente adaptar modelos de ensino que foram utilizados no passado, mas devem colocar as diferenças linguísticas no centro do processo educacional.

Além disso, é necessário que o professor desenvolva uma ampla compreensão do uso da linguagem e inclua em suas aulas diversos recursos como imagens, músicas, gráficos que compõem modos diferentes de usar a linguagem. O professor, neste contexto, ao longo da aplicação das aulas deve revisar suas práticas para assim poder gerar novas práticas e que estas sejam significativas e transformadoras.

Pesquisas como de Solsona-Puig, Capdevila-Gutiérrez, Rodríguez-Valls (2018) discutem a importância do professor ofertar aulas inclusivas, atuando como facilitador e mediador do processo de ensino. Assim, os autores sugerem que os professores participem de proposta de formação que envolva conhecer a língua em que atua dentro do mesmo estado ou país ou que participe de intercâmbio com professores de outros países.

Com a provável intenção de uma simplicidade generalista, uma perigosa pergunta é proposta por King (2007): “*O que você faz em geral em uma lição ou aula regular?*” A proposição de uma questão tão ampla para a interação entre pais e professores de um

programa pode gerar mais conflitos que esclarecimentos. Conversar sobre a Metodologia de ensino de línguas de uma programa poderia passar pela pergunta de qual é a abordagem seguida pelo programa, qual o percentual entre as quatro habilidades que é trabalhado nas lições, se as atividades consideram as possíveis múltiplas inteligências presentes em sala e, igualmente importante: como as prováveis diferentes L1 dos estudantes são consideradas no desenvolvimento das atividades de ensino.

Aquilo que um professor faz “em geral” dirá a respeito da concepção de ensino de L2 que embasa sua didática e não “equipar” os pais ou responsáveis com minimamente um resumo de cada concepção teórica e suas conseqüentes escolhas metodológicas é deixá-lo sem critério algum para avaliar o que seria uma boa lição ou aula regular, ou mesmo se aquela lição ou aula regular dará conta de sua necessidade/expectativa, ou mais gravemente ainda: não lhe permitirá perceber em que medida o estudante se sentirá incluído na aprendizagem, dependendo de qual é sua L1, e qual será a provável efetividade do programa para a sua necessidade e seu contexto.

Ao analisarmos as questões a seguir, podemos relacioná-las com a prática docente e com a forma que o professor utiliza os materiais para o planejamento de suas aulas. *“Que tipo de atividades e materiais você utiliza? / Como você tenta assegurar que seus estudantes pratiquem ativamente o idioma? / Quais tipos de materiais você geralmente usa em suas aulas?”*

A descrição da metodologia escolhida e da abordagem teórica que permeia a concepção do programa em si poderia assegurar um melhor diálogo entre pais, responsáveis e programa. A explanação das habilidades e sua importância em sala também pode “recortar” melhor a conversa. No ensino de línguas, boas práticas docentes exigem diversas propostas didáticas ao planejar, implementar e aperfeiçoar cursos. Professores devem estar familiarizados com tomadas de decisões que se estabelecem em todo trabalho de educação linguística ao considerarem a análise de necessidades, objetivos, seleção e organização de conteúdo, elaboração, escolha e modificação de materiais didáticos, critérios de avaliação.

Ao pensarmos no ensino de línguas, devemos considerar como o professor elabora, adota e modifica os materiais didáticos que serão utilizados em sua prática docente. Assim, a adoção e/ou uso de material didático reflete, explícita ou implicitamente, um conjunto de saberes, crenças e pressupostos sobre o ensino e a aprendizagem de línguas, sendo necessário que o professor seja capaz de interpretar o que observa no seu ambiente de trabalho e, com base nessas análises, tome as decisões mais adequadas possíveis ao público que terá em sala, sempre respeitando e dando lugar às diversidades linguísticas presentes nos grupos.

O relacionamento entre professor e material didático é algo importante a considerar, e o melhor papel deste último consiste em uma parceria que compartilhe objetivos comuns, cada lado trazendo sua contribuição especial. Os materiais didáticos são fontes de atividades para a prática do aluno e interações comunicativas, sendo referência para o ensino da gramática, vocabulário, pronúncia, entre outros. Além disso, é um recurso didático capaz de estimular e envolver os alunos em atividades sobre a língua ao servirem de suporte e apoio para os professores no processo de ensino e aprendizagem. Nesse processo, vale lembrar que é importante que não haja um “engessamento metodológico”, ao transferir para o material didático muito da responsabilidade pela qualidade do ensino, sendo fundamental que o professor seja reflexivo e mediador em relação ao material e seu processo de ensino, fazendo adaptações, selecionando ferramentas alternativas, bem como produzindo novas estratégias didáticas de acordo com a necessidade de seus alunos e suas turmas.

O tópico “motivação” aparece nas perguntas *“Quais ações você promove para motivar e encorajar seus estudantes? / O que você faz para engajar seus estudantes em leitura e escrita? Em fala e escuta?”*. Olhamos para este tópico e percebemos a profundidade e importância desta questão. Compreendendo a limitação desta discussão em um caráter mais panorâmico, direcionamos o foco para uma motivação que pode ser externamente realizada; entretanto, entendemos que ela pode ser internamente considerada, estudada por diversos fatores cognitivos e metacognitivos, mas por escolha de uma linha mais social da noção de língua, podemos olhar para esta pergunta partindo do papel do professor em engajar os estudantes no processo de ensino e aprendizagem.

É preciso ter cautela para não causar nos pais a expectativa de um professor “entertainer” e que está sempre preparado para promover apenas tarefas divertidas e que agradem ou motivem o estudante em processo de aprendizagem de uma L2. O engajamento em tarefas pode ser muito relativo, pensando em uma sala de aula múltipla, com indivíduos que trazem múltiplas inteligências (GARDNER, 1993) e diferentes culturas e identidades. Ademais, induzir a avaliação por parte dos pais do fazer do professor como único responsável pela motivação do estudante retira dos pais a responsabilidade formadora de filhos leitores estudantes que entendem seu papel no processo e que já adentraram a sala de aula com o principal objetivo de aprender.

Ao discutirmos esta questão *“Qual o papel que você vê para a cultura em aulas de idiomas?”* de acordo com Costa e Martins (2020), a educação em línguas desempenha um papel fundamental na formação dos cidadãos, uma vez que deve acompanhar as transformações sociais humanas, munindo os alunos de instrumentos que lhes permitam

valorizar as diversidades de saberes e de culturas, desenvolvendo competências que permitam sua participação em espaços de diálogos interculturais. Assim, espera-se que o professor compreenda a necessidade de abordagens plurais das línguas e culturas e busquem atualizações ao considerarem estas como um conjunto de abordagens didáticas que empregam atividades de ensino e aprendizagem nas quais são envolvidas diferentes línguas e culturas.

Nesse sentido, surge necessidade da promoção das diversidades linguísticas e culturais através do plurilinguismo, como competência a ser desenvolvida, por isso destaca-se a relevância de abordar sobre a sensibilização linguística para promover a integração das experiências linguísticas e culturais dos alunos, para assim desenvolver as competências metalinguísticas, metacomunicativas e metacognitivas. Diante disso, ainda de acordo com as autoras, percebe-se a importância de envolver os professores em projetos inovadores e que ocorra investimento constante em formação, capaz de permitir que os professores se desenvolvam no âmbito pessoal e profissional, através de práticas de reflexão e colaboração sobre novas práticas educativas.

Para que o professor possa desenvolver novas práticas é necessário investir em formação para professores. De acordo com Solsona-Puig, Capdevila-Gutiérrez, Rodríguez-Valls (2018), os processos e requisitos para a formação de professores devem incluir conteúdos, estratégias e práticas que proporcionem ao professor uma visão plural do ensino de línguas e suas diversas culturas.

A pergunta *“Como você lida com os equívocos dos estudantes?”*, proposta por King (2007), dentre as demais, aponta para uma tentativa de estabelecer um diálogo entre os pais e o professor aparentemente tranquilo sobre tentativas do aluno, erro e acerto e correções por parte do professor durante o processo. Entretanto, é um convite a refletirmos a amplitude das noções de equívoco em linguagem, envolvendo etapas importantes da aquisição da linguagem, percepção das estratégias que o estudante utiliza para acomodar o conhecimento da L2 que está construindo, respeito e valorização de sua L1 e sua importância para a sua formação identitária. É preciso ter cautela para não incorrerem no erro cometido pelas abordagens feitas em torno do aprendizado e domínio de duas línguas nos estudos pré-década de 1960, em que se argumentava para uma intervenção negativa de um idioma em outro, causando erros na fala e mesmo insucesso escolar (ROMAINE, 1995).

Nesse sentido, um possível gabarito para os pais poderem julgar o que seria uma boa resposta precisaria passar por tópicos como a compreensão do processo de aquisição da linguagem, a visão do equívoco nas habilidades de produção como etapa de verificação das estratégias que o estudante utiliza para comunicar, as comparações que está fazendo entre as

línguas (L1 e L2), a forma como está acomodando o léxico que está adquirindo, entre muitos outros fatores que podem servir ao professor como mediador do aprendizado. Ademais, faz-se necessário o respeito e acolhimento aos equívocos do estudante como prováveis comparativos que ele está fazendo entre os idiomas, valorizando a bagagem linguística e cultural que traz em sua L1.

A versatilidade do professor é tópico a ser avaliado pelos pais, seguindo a sugestão de King (2007), na pergunta “*Como sua abordagem muda dependendo das diferenças individuais dos estudantes?*”. É preciso pensar nas diversidades incluídas em sala de aula para poder inferir uma postura do professor que consiga abarcar as diferenças em seu ensino. Um possível gabarito para os pais moderarem o que seria uma boa resposta precisaria incluir noções sobre as múltiplas inteligências (GARDNER, 1993), noções de um ensino plurilíngue, assim como uma visão ampla de língua como meio, ferramenta, identidade, rede de sentidos, compreendendo-a para além de uma sintaxe e elementos morfológicos.

Na próxima questão entendemos que o professor seja requerido a apresentar algumas sugestões de como os alunos podem praticar o uso da língua fora da sala de aula. “*Quais sugestões você tem para meu filho manter o uso do idioma fora das suas aulas?*”. Ao analisar essa questão, o professor deve considerar que quanto mais tempo dedicado ao estudo, mais rápido será o aprendizado, desde que esse tempo seja utilizado com qualidade. Para isso, o professor precisa ser criativo e pode se apoiar nos mais diversos recursos, por meio da internet e da tecnologia. Assim, filmes, músicas, jornais e revistas estão disponíveis na internet e podem ser facilmente acessados, constituindo uma ferramenta divertida e importante para a aprendizagem. Além disso, as séries estrangeiras são atrativas e eficientes, pois apresentam quantidade de gírias e expressões do uso da língua, permitindo que os alunos obtenham um maior nível de fluência na sala de aula. Assistir a palestras culturais, organizar reuniões com colegas ou mesmo usar o que as novas tecnologias oferecem são formas de continuar o contato, muito utilizadas pelos intercâmbios. Nesse caso, o professor pode simular 'intercâmbios' culturais sem sair do país.

Nesse sentido, é importante que o professor proponha atividades que levem o idioma para o cotidiano, associando-o a hábitos e gostos, para que o estudante não perca o que conquistou após encerrar um curso. Assim, manter o idioma é um dos desafios que muitos estudantes enfrentam, pois adquirir uma outra língua é um patrimônio, portanto, o falante deve investir em ações para não perdê-la. Afinal, o que se aprende precisa ter aplicabilidade real.

Para fecharmos nossa breve análise das questões propostas por King (2007), olhamos para uma delicada proposição: *Podemos ver uma aula “sample” ou um vídeo de seu ensino para termos uma ideia melhor de como você ensina?* Sugerimos que deva haver cautela nesse ponto de observação do fazer do professor. Em geral, programas de ensino de segunda língua detêm um processo organizado e criterioso de seleção para que os professores componham o seu quadro profissional. Há o domínio do idioma, a didática e condução da aula, a análise do currículo e das experiências relevantes à área educacional em questão. Todos esses itens devem ser avaliados por profissionais que detenham um “gabarito” e um objetivo de avaliação, em geral coordenadores pedagógicos ou mesmo professores de idiomas com mais experiência e bagagem que lhes permita avaliar um profissional nesse sentido. Sugerir aos pais de tomem esse papel avaliativo, sem instruir a respeito de critérios a serem observados, seria lançar o papel do professor a uma escolha pessoal, não fundamentada, transformando o profissional em mero item de “menu” diante dos pais; uma relação questionável e que poderia em muitos momentos por em demérito os conhecimentos e características do professor.

4 DISCUSSÃO

É sabido que o trecho textual que selecionamos para avaliar já conta com uma década e meia de publicação e que as intenções com as quais fora elaborado são as melhores, na contribuição da discussão em torno dos programas de ensino de segunda língua. A pergunta principal proposta por King (2007) tem relevância no cenário educacional atual, pensando em quão importante é aos estudantes de qualquer país ou cultura ter a oportunidade de dominar mais de um idioma. É sabido também que os pais, no seu papel de busca pelo melhor contexto de aprendizagem possível para que seus filhos possam adquirir uma segunda língua, incontestavelmente têm a tarefa de escolher o melhor programa dentro de seus objetivos e possibilidades. Entretanto, ao olharmos para o conjunto de perguntas elaboradas pela autora, sugerindo que pais tenham acesso a elas e se utilizem delas como roteiro para escolha de um programa educacional de segunda língua, sem fornecer minimamente diretrizes do que seriam boas respostas dadas pelos professores (em contextos em que hipoteticamente esta entrevista fosse possível), percebemos que reflexões acerca deste cenário se fazem necessárias.

Ao estruturar sua discussão em torno da pergunta: *What are the characteristics of good second language learning programs and language teachers and how can you find*

*them?*⁵, King (2007) nos convida a refletir sobre a importância de um bom contexto e bons professores para proporcionar uma boa experiência aos estudantes, nesse processo tão desafiador e de complexos processos cognitivos que é o do estudo/aprendizado de uma segunda língua. Reiteramos a relevância do debate, do respeito à diversidade linguística nesse processo, mas também sugerimos a complementação da discussão, no sentido de fornecer conceitos linguísticos suficientes para os pais, para além das perguntas propostas, na busca pela melhor experiência que seus filhos possam ter ao estudarem uma segunda língua.

Concordamos com proposições feitas por King (2007), quando aponta que um bom programa de ensino de segunda língua deve especificar o nível de proficiência almejado e ter o bi-letramento como objetivo; para além disso, a autora defende que o bom programa deverá respeitar a diversidade cultural, mesmo que de culturas minoritárias, e essa necessidade é inegável diante de cenários de intolerância e preconceito que infelizmente ainda presenciamos.

Em um bom programa, ademais, cabe a observação do currículo e planejamento de aulas, materiais e ambientes, qualificação e experiência dos professores, uso do idioma, atividades extracurriculares, e a todas essas proposições de King (2007) alinhamos nossa reflexão. Entretanto, à sugestão da autora de que bons programas contam com professores nativos apresentamos, ao fim desta breve discussão, a dúvida sobre se apenas falantes nativos de um idioma têm um domínio e boas práticas de ensino, e se não seria esse um fator limitador da reflexão plurilíngue e acolhedora das diferenças em alguns programas de ensino. Mas essa reflexão é fio condutor para outras e novas reflexões.

5 CONSIDERAÇÕES

Os programas de ensino de segunda língua têm se popularizado ao longo dos anos em nosso país. Assim, este artigo teve como objetivo discutir sobre como os pais podem encontrar bons programas de ensino de segunda língua, a partir de questões propostas por King (2007). Para isso, propusemos reflexões sobre possíveis respostas para orientar os pais nessa busca por bons programas, através de entrevistas com professores e análise de seus métodos de ensino. Consideramos, ao final desta breve conversa, a importância do

⁵ Quais são as características de bons programas e professores de segunda língua e como encontrá-los? (KING, 2007, tradução nossa).

conhecimento linguístico e das discussões sobre o plurilinguismo estarem disponíveis a professores, pais e estudantes nas diferentes esferas sociais.

REFERÊNCIAS

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y Contacto de Lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

COSTA, A. R.; MARTINS, F. **Clube das línguas** - olhares dos professores sobre um projeto de sensibilização à diversidade linguística no 2º Ciclo do Ensino Básico. *Indagatio didactica*. Universidade de Aveiro. v. 12. dez. 2020.

CUMMINS, J.; SWAIN, M. **Bilingualism in education: aspects of theory, research and practice**. London; New York. 1986.

GARCÍA, O. **Multilingual language awareness and teacher education**. *Encyclopedia of Language and Education*, 2nd Edition, v. 6: Knowledge about Language, p. 385–400. 2008.

GARCÍA, O. et al. **Imagining multilingual schools**. *Language in Education and Globalization*. Clevedon; Buffalo; Toronto: 2006. p. 137-149.

GARDNER, H. **Multiple intelligences, the theory in practice**. New York: Basic Books, 1993.

HEREDIA, C. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G.; BOUTET, J. **Multilinguismo**. Campinas. Ed. Unicamp, p. 177-199. 1989.

KING, M. What are the characteristics of good second language learning programs and language teachers and how can you find them? In: _____. **The bilingual edge**. New York: Harper, 2007.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. Oxford: Blackwell, 1995.

SOLSONA-PUIG, J.; CAPDEVILA-GUTIÉRREZ, M.; RODRÍGUEZ-VALLS, F. **La inclusividad lingüística en la educación multilingüe de California: coexistencia de las variedades y registros de lengua para enriquecer el aula de inmersión dual**. *Educacion y Educadores*. v. 21. p. 219-236. 2018.